

Documentação, materialidade e práticas documentárias

Resumo

Discute as contribuições de Frohmann sobre a materialidade do documento examinando a terminologia usada pelo autor e os problemas de sua interpretação no âmbito da Documentação enquanto área de atividade, pontuando aspectos de sua proposta e refletindo sobre as questões profissionais da Documentação/Ciência da Informação, em especial, relativas ao tratamento da informação.

Palavras-chave: Documentação; práticas documentárias; práticas profissionais; materialidade do documento.

Documentation, matérialité et pratiques documentaires

Resumé

Examine les contributions de Frohmann sur la matérialité du document en examinant la terminologie utilisée par l'auteur et les problèmes de leur interprétation dans la Documentation comme un domaine d'activité, en soulignant les aspects de sa proposition et refletant sur des questions professionnels de la Documentation/Science de l'information, en particulier concernant le traitement de l'information.

Mots-clé: Documentation; pratiques documentaires; pratiques professionnelles; matérialité du document

Documentation, materiality and documentary practices

Abstract

Discusses the contributions of Frohmann on the materiality of the document examining the terminology used by the author and the problems of their interpretation under the Documentation as a field of activity, highlighting aspects of its proposal and reflecting on professional issues of the Information Documentation / Science, especially about the information organization.

Keywords: Documentation; documentary practices; professional practices; materiality of the document

1. Introdução

Marco para a discussão da noção de documento no Brasil, o discurso de Berndt Frohmann (2008), na abertura do ENANCIB 2006, em Marília, se alinha a outros textos do autor que se reportam a Foucault, principal diferencial de sua perspectiva quando comparada à produção de outros autores sobre a retomada do tema 'documentação', em particular, pela literatura anglo-saxônica.

Neste artigo, pretendemos explorar as ideias de Frohmann enfocando particularmente a questão da materialidade do documento, procurando compreender as origens da proposta, precisar a terminologia por ele utilizada, discutir sua abordagem e sugerir retomar a questão das práticas profissionais da Documentação, que ele não abordou.

Para organizar a discussão, depois de procurarmos circunscrever os termos utilizados por Frohmann que poderiam criar problemas de interpretação na Ciência da Informação, recuperaremos os conceitos de enunciação e materialidade para discutir sumariamente a abordagem de Frohmann. Em seguida, refletiremos sobre alternativas de apropriação da ideia no âmbito da Documentação/Ciência da Informação em especial quanto à questão profissional, considerando criticamente o conjunto de atividades documentárias desenvolvidas nesse campo de trabalho.

2. Documentação e práticas documentárias: questões terminológicas

A compreensão de textos especializados requer conhecer sua terminologia, considerando os contextos de produção e uso dos termos. Embora as definições dos conceitos não sejam fixas, sua interpretação depende da identificação de onde fala o autor, da localização das origens de seu discurso e das características dos textos das comunidades discursivas a que ele pertence.

Em discursos interdisciplinares a dificuldade enfrentada para a compreensão dos termos é maior, já que os autores, ao utilizarem os termos, o fazem a partir da perspectiva de uma área específica tendo, geralmente como alvo, outra(s) área(s). Lidados sob as lentes desses outros domínios, a coincidência de termos pode ser apenas morfológica e não semântica, o que implica problemas de compreensão. Esse problema ocorre porque, no léxico das línguas, as palavras têm vários significados (a exemplo de sua apresentação nos dicionários de língua, como o Aurélio, o Houaiss). É no discurso que as palavras alcançam a condição de termo à medida em que as unidades lexicais são contextualizadas e ganham uma referência para a interpretação (LE GUERN, 1989). Os vocábulos são fontes de significados e é seu uso concreto no discurso que garante sua significação. Isso se aproxima, na ótica do II Wittgenstein, aos jogos de linguagem, onde o significado das palavras depende das ‘formas de vida’, ou das situações e circunstâncias em que são utilizadas. Não se trata de pretender uma definição definitiva, mas de alcançar uma compreensão através da observação de como palavras são usadas, em que atividades ou contextos sociais. A interpretação pressupõe, portanto, a observação e/ou

recuperação de contextos originais de uso do termo para, numa atitude interdisciplinar, alcançar melhores condições de apropriação.

Por esse raciocínio compreendemos porque os textos de Frohmann podem conduzir a dificuldades de interpretação: o autor usa expressões semelhantes que, sob determinados pontos de vista, têm significados diferentes quando comparados aos do domínio da Documentação e/ou Ciência da Informação, caso de ‘documentação’ e de ‘práticas documentárias’.

Frohmann usa ‘documentação’ para se referir a um conjunto de documentos, enquanto o termo, na Documentação e/ou Ciência da Informação designa também uma área de atividade, um domínio de conhecimento e um processo (o de documentar). Embora ‘conjunto de documentos’ faça parte de um dos aspectos originalmente trabalhados por Otlet (1934), o significado mais enfatizado de sua obra é Documentação enquanto domínio, sendo que os documentos constituem o objeto concreto da Documentação/Ciência da Informação. De qualquer modo, nessa última acepção a relação entre ‘Documentação’, área de atividade, e ‘documentação’, conjunto de documentos, constitui uma relação metonímica, de onde a existência de contiguidade e inclusão entre os termos.

Ao privilegiar ‘conjunto de documentos’, Frohmann não está se referindo especificamente à atividade documentária profissional de trabalho com os documentos, mas a uma atividade em que documentos são utilizados, seja para demonstrar ou enfatizar determinada questão, para provar, para realizar uma pontuação crítica etc. Frohmann quer ressaltar, com isso, o caráter material dos enunciados, ou aquilo que permite sua observação. Para Otlet, um primeiro sentido de documento (que muitas vezes coincide com o livro) é o do objeto original (OTLET, [1934] 1996) que pode, depois, ser submetido a diversas operações da Documentação propriamente dita.

Já o termo ‘práticas documentárias’, no discurso de Frohmann, se refere às práticas com os documentos, como um gênero de prática social que depende das especificidades de cada uma delas: as práticas do Direito, da Sociologia, da Medicina etc. Poderíamos incluir, aqui, as práticas da própria Documentação, mas é conveniente lembrar que, nesse domínio, pode-se entender tais práticas documentárias como o núcleo da atividade exercida profissionalmente, diferentemente do que ocorre em outras áreas. Embora a expressão ‘práticas documentárias’ não seja dicionarizada na Documentação/Ciência da Informação, ela pode ser livremente interpretada como uma prática profissional da Documentação/Ciência da Informação, mas esse não é um uso corrente.

A origem do termo práticas documentárias, em Frohmann, é o termo práticas discursivas, como em Foucault. As práticas discursivas constituem o domínio de análise de Foucault e constituem

um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço, que definiram para uma época dada e para uma área social, econômica, geográfica ou linguística dada, as condições do exercício da função enunciativa (FOUCAULT, 1984, p.153-154, citado por CASTRO, 2009, p.337).

Foucault não utiliza o termo práticas documentárias, mas usa expressão ‘documentária’ para se referir ao trabalho do genealogista que se debruça sobre os documentos. “A genealogia é cinza; ela é meticulosa e pacientemente *documentária*” (FOUCAULT, 1979, p.15, grifo nosso), enfatizando o demorado processo de trabalho com documentos. Já o historiador, ressalta Foucault, interroga os documentos-acontecimentos para verificar não as regularidades, mas as discontinuidades, a multiplicidade de tempos. Para trabalhar com as práticas Foucault propôs primeiramente o método arqueológico e, em seguida, o genealógico, ressaltando formas de trabalho com documentos para problematizar as práticas sociais priorizando, assim, as práticas sobre as teorias.

As práticas discursivas são concebidas como instituições, pois têm uma realidade material e disparam efeitos, tais como: lutas, processos de servidão e dominação; jogo de palavras composto de perigos e de relações de poder, produção de saberes e difusão destes em espaços institucionais, captura das ações em regimes de força, domesticação da multiplicidade em arquivos de uma escrita biográfica e o estabelecimento de relações entre acontecimentos díspares (LEMOS; CARDOSO JÚNIOR, 2009, p.357).

A interpretação do termo na ótica de Frohmann exigiria verificar como o conceito poderia se apresentar sob nova roupagem na Documentação/Ciência da Informação.

3 A materialidade do documento

O conceito fundamental evocado nos textos que sugerem, na proposta de Frohmann, novos temas para a Ciência da Informação, é materialidade do documento, conceito esse recuperado de Foucault.

Um enunciado deve ter *existência material*. Entretanto, ele não se identifica com um fragmento da matéria. Não é uma substância, mas possibilidade de uso e reutilização. Uma mesma frase não é o mesmo enunciado se pronunciada em uma conversação ou impressa em um romance. Se uma frase é traduzida de uma língua para outra, ou se duas frases distintas mantêm o mesmo conteúdo comunicativo, elas são um mesmo enunciado. Entretanto, dizer que ‘as espécies evoluem’ antes e depois de Darwin, faz da mesma frase dois enunciados distintos (FERNANDES, 2007).

Associar a ‘materialidade’ do documento à ‘informação como coisa’ (BUCKLAND, 1991) não parece conveniente ou precisa ser feita com muito cuidado, porque a ideia de materialidade implica, por si só, algo que adquire vida própria com o uso, modificando-se a partir das situações onde o documento está em causa. Seria ingênuo afirmar que a materialidade do documento é o que garante o solo da Documentação, interpretando ‘materialidade’ apenas a partir de uma conotação física.

Já os enunciados,

(...) não são frases ou proposições, mas condições que as possibilitam e possibilitam também a transformação de sentido. Um enunciado é uma função que incide sobre um conjunto de signos e possui quatro características que o definem: um referencial, um sujeito, um campo enunciativo e uma materialidade (FERNANDES, 2007).

Assim, para Frohmann, novas direções para os estudos informacionais partem do princípio de que não basta revisitar o passado, mas reconfigurá-lo no presente. Pode-se supor que, mais do que propor novas atividades para a área, o importante é imprimir uma perspectiva de uma filosofia da informação que se apoie numa filosofia da documentação, ou melhor, numa filosofia que considere o trabalho com conjuntos de documentos enquanto enunciados (FROHMANN, 2004).

Essa perspectiva conjuga ao menos duas propostas: a de Numberg (1996, citado por FROHMANN, 2004), que critica as ideias de informação que postulam o rigor teórico das definições, substâncias e essências (ou ideias sobre a informação como uma espécie teórica coerente), e a do II Wittgenstein, que critica a imagem de que as palavras representam objetos e que a compreensão consiste numa associação mental de uma palavra com um objeto.

Por essa via, Frohmann discute documento e informação e associa a informatividade de um documento às práticas que envolvem o documento, assim como a informação como efeito de tais práticas.

4 A visão imaterial do documento em Otlet

A construção da perspectiva de Frohmann pretende revigorar a Documentação, para o que ele realiza uma análise crítica da Documentação de Otlet (FROHMANN, 2000). O autor argumenta que, se por um lado Otlet situa a informação no conjunto dos arranjos sociais, de outro, tem uma concepção epistemológica e abstrata da informação, além de privilegiar a faceta pro-

fissional da Documentação. Segundo o autor, com base no pensamento racional, Otlet acreditava na organização do conhecimento como solução para a crise social e para a promoção da harmonia da sociedade internacional. Defendia um sistema de informação universal e permanente, baseado na *expertise* dos profissionais documentalistas, e desenvolvido em instituições especializadas – como as organizações internacionais de bibliografia, classificação e produção do conhecimento – bem como no governo mundial como forma política de administrar a *polis*.

Para Otlet, o conhecimento compreendia todos os fatos observados e todas as hipóteses formuladas para explicá-los, bem como sua transformação em leis. O ideal seria apresentar a substância desse conhecimento, que é o que sobra de uma limpeza da literatura para separar o metal da ganga, ou “separar” dos documentos “as verdades originais, importantes, não repetidas” (OTLET, 1934, 141) tirando excessos e transcrevendo o que sobrou (“o essencial”) em fichas e subdividindo as ideias pelos gêneros e espécies, base do princípio monográfico. O ‘livro universal’ seria constituído pela ligação, classificação e organização de todo esse conhecimento registrado (OTLET, 1934).

A principal observação de Frohmann é que

Essa informação não é material, mas antes o conteúdo epistêmico imaterial de milhões de registros de materiais, ou documentos, uma ideia epistemológica de informação como entidade granular, uniforme e autosuficiente, uma ‘pepita’ de conteúdo informacional que pode ser minerado (FROHMANN, 2000).

Segundo esse raciocínio, tomar a informação como algo abstrato é o mesmo que descorporalizá-la, desconsiderando o papel dos documentos no tempo e no espaço. Com a descorporificação o documento perde sua materialidade, corroborando uma interpretação estável e sem contexto de significação.

Outro aspecto problemático observado por Frohmann (2000) é que, embora o discurso de Otlet se caracterize por observar o papel social da Documentação, ele também contempla tendências associadas. Exemplo é o incipiente mentalismo expresso por meio do princípio monográfico quando os fatos extraídos são transformados em representações fotográficas isoladas dos seus contextos, algo muito próximo de conceber a informação como uma representação mental fora de seu contexto social. Essa tendência de descorporificação é reforçada pelo papel de um fato – uma unidade de informação – ser tomada como ideal de racionalidade científica universal.

Seria preciso, segundo Frohmann (2000), não só revisitar o documentalismo de Otlet, mas reconfigurá-lo por meio da análise do discurso na linha de Foucault, recorrendo à noção de materialização da informação. Apenas desse modo, acredita o autor, é possível revelar mais claramente as práticas sociais institucionalizadas com os variados fenômenos etiquetados como ‘informação’ nos estudos da LIS. O autor sugere alterar a atenção teórica *da* interpretação para a existência de enunciados, conjuntos de enunciados, textos e documentos, colocar ênfase no estudo das práticas institucionalizadas com enunciados e documentos, e verificar como alguns deles alcançam suficiente estabilidade para constituir o conhecimento legitimado de pessoas, objeto, processos e eventos. “Pensar nas muitas formas de ‘informação’ estudadas pela LIS como enunciados é materializar informação ao longo das linhas sugeridas pela análise do discurso” (2000, p.5).

5 Questões profissionais entre as novas frentes de pesquisa

Foucault não está interessado em documentação como comunicação da informação, mas como retransmissão [*relay*] de poder gerativo e formativo por meio dos quais indivíduos são constituídos como conhecíveis, considerando o homem um artefato de massas de documentos. Nessa linha, a proposta de Frohmann põe em destaque frentes de pesquisa que observem o documento em sua potencialidade informativa. No entanto, Frohmann critica a faceta profissional, no que tem razão se considerarmos seu tradicional descolamento dos problemas contemporâneos. Mas isso não significa que essa faceta não deva ser, também, revisitada.

Sem desprezar a importância de novas frentes de pesquisa com o documento, as ‘práticas documentárias’ (utilizando aqui o termo a partir da apropriação das reflexões de Frohmann) também devem ser objeto de análise visando sua reavaliação como uma das formas de ‘reviver’ a Documentação conferindo-lhe nova roupagem.

De fato, a proposta de Frohmann fundada na materialidade do documento transcende seu registro. Não se trata de ignorar sua importância, mas de realizar o procedimento considerando a inserção contextual dos documentos, um dos meios de concretizar o papel social da Documentação/Ciência da Informação. Ao diminuir a importância da faceta profissional da Documentação, Frohmann evita colocar em debate o problema e se furta a discutir a exploração de outras posturas de trabalho com o documento diferentes daquelas forjadas no racionalismo.

Por exemplo, seria preciso ‘revisitar’ a proposta de Documentação de Otlet (FROHMANN,

2000) incorporando à discussão a pertinência das práticas tradicionais de registro e organização dos documentos que, com a finalidade de diminuir a dispersão na busca, nem sempre refletem sobre as bases de seus procedimentos. Seria útil discutir os princípios de seleção, das escolhas de categorias de organização e os limites da representação. Discutir, principalmente, os procedimentos baseados na crença de que os documentos têm uma essência e que é possível representá-las objetivamente. Do mesmo modo, discutir os problemas dos instrumentos utilizados no tratamento de documentos – os Sistemas de Organização do Conhecimento – cuja estruturação em hierarquias e uso obsessivo do substantivo reforçam a crença nas essências, em verdades últimas, na universalidade e na estabilidade conceitual. Invariavelmente, esses instrumentos continuam a ser desenhados a partir do princípio da divisão dicotômica e da lógica de mútua exclusão, sem deixar espaço para abarcar a complexidade do mundo contemporâneo.

Como as práticas discursivas, as práticas profissionais são verdadeiras instituições e têm efeitos – dentre eles a servidão e a dominação. Considerar a materialidade dos documentos que orientam tais práticas significa, além da possibilidade de problematizá-las e reconfigurá-las, “reviver” a Documentação trazendo-a para o momento em que vivemos de fim de hegemonia do modelo moderno de ciência (SANTOS, 1988) e de busca de enfrentamento da complexidade que caracteriza a contemporaneidade.

Referências

BUCKLAND, Michael. Information as thing. **Journal of the American Society for Information Science**, v. 42, n. 5, p. 351-360, jun. 1991.

CASTRO, Edgardo. **Vocabulário de Foucault**: um percurso pelos seus temas, conceitos e autores. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

FERNANDES, Daniele. Peirce e Foucault: signo estético e enunciado. **Cognitio – Estudos**: revista eletrônica de filosofia, São Paulo, v.4, n.1, p.1-9, jan./jun. 2007.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

FROHMANN, Berndt, O caráter social, material e público da informação. In: FUJITA, M.S.L.; MARTELETO, R.M.; LARA, M.L.G. **A dimensão epistemológica da Ciência da Informação**. São Paulo: Cultura Acadêmica; Marília: FUNDEPE, 2008. p.13-36.

_____. Discourse and documentation: some implications for pedagogy and research. **The Journal of Education for Library and Information Science**, v.42, p.13-28, 2000.

_____. Documentation redux: prolegomenon to (another) philosophy of information. **Library Trends**, v.52, n.3, 2004, p.387-407.

LE GUERN, Michel. Sur les relations entre terminologie et lexique. **Meta: journal des traducteurs**, v.34, n.3, 1989.

LEMOS, Flávia C. Lemos; CARDOSO JÚNIOR, Hélio R. A genealogia em Foucault: uma trajetória. **Psicologia e Sociedade**, v.21, n.3, set./dez. 2009.

OTLET, P. **Traité de documentation: le livre sur le livre: théorie et pratique**. Bruxelles: Mundaneum, Palais Mondial, 1934.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Um discurso sobre as ciências na transição para uma ciência pós-moderna. **Estudos avançados**, São Paulo, v.2, n.3, maio/ago. 1988.